



AJURIS

Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul

CADERNO DE LITERATURA

AGOSTO 2000 - Nº 7



2000

capa

Obra de Liana Timm, elaborada especialmente para esta edição do **Caderno de Literatura**.

Liana é arquiteta, artista plástica, designer e poeta. É especialista em Arquitetura Habitacional pela UFRGS. Mestre em Educação. Professora adjunta do Departamento de Expressão Gráfica da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

Atua em diversas frentes da atividade cultural. Realizou, como artista plástica, 42 exposições individuais e participou de 112 coletivas no Brasil e exterior. Recebeu 11 prêmios por sua obra e publicou 14 livros, entre eles: *Quintana dos 8 aos 80*; *Amenas inferências*; *Estados empíricos*; *Faróis da so-*



lidão; *Misturas principais*; *Arte que te quero arte*; *História, histórias de Porto Alegre e Trilogia do indizível*. Atelier da artista: Rua Jaguari, 879 – Porto Alegre – RS – CEP 90820-180. Fone (0xx51) 249-6956.

contracapa

Arte de Elizabeth Costa. Artista nascida em Porto Alegre, apresenta em seu currículo diversas exposições individuais e coletivas, além de vários prêmios. Em 1997, expôs na Galeria de Artes Casa do Brasil, em Madri, Espanha. Neste ano, participou da "Exposição Brasil 500 anos", na Universidade de Santiago de Compostela, também na Espanha.



expediente

Presidente da AJURIS

Luiz Felipe Silveira Difini

Vice-Presidente Cultural

Vera Lúcia Deboni

Diretor do Departamento de Cultura

Jorge Adelar Finatto

Conselho Editorial

Antonio Guilherme Tanger Jardim

Carlos Saldanha Legendre

Jorge Adelar Finatto

Paulo Porcella

Assessoria Editorial/Projeto Gráfico

Karin Kazmierczak

Execução Gráfica

Gráfica Editora Pallotti – Fone (0xx51) 341.0455

Jornalista Responsável

Cláudia Chiquitelli – Reg. Prof. 7572

Diagramação

Margarete Ribeiro

Revisão

Maria Lúcia Barbará (Mestre em Letras)

AJURIS – Rua Celeste Gobbato, 229 – 5º andar –

90110-160-Porto Alegre – RS

Fone (0xx51) 211.5177 – Fax 224.6844

E-mail: ajuris@ajuris.org.br

Tiragem: 20.000 exemplares – Distribuição gratuita

• O **Caderno de Literatura** da AJURIS não é vendido, e todas as colaborações são feitas a título gratuito. É distribuído aos magistrados brasileiros, escolas, universidades, agentes e entidades culturais de diversos Estados e países de língua portuguesa.



CADERNO DE LITERATURA

sumário

A dimensão humana do Magistrado

Luiz Felipe Silveira Difini 3

Cultura e bem-estar social

Paolo Enrico Zaghen 4

Porto Alegre em sentimento

Jorge Adelar Finatto 5

Correio 6

Artigos

Comunicação ao Congresso

Antônio José Avelãs Nunes 7

Deves a Deus uma morte

Ricardo Legendre Townsend 9

De um caderno de notas

Homero Senna 13

Lembrando Jorge de Lima

Alphonsus de Guimaraens Filho 15

Narrativas

Em busca de Marcel

Carlos Alberto Alvaro de Oliveira 17

O "petit chien" de Geneviève

Antônio Carlos Osório 20

O himen

Sérgio da Costa Franco 22

Oferta especial

José Carlos Laitano 23

O pastor e o lobo-marinho

Cristiano Graeff Jr. 24

À beira do lago

Patrícia Bins contracapa

Poemas

Cimo/Archote

Carlos Nejar 25

Registro de estranho passamento /

Marmanhã

Carlos Saldanha Legendre 26

Eliotiana

Fernando Castro 27

Uma paixão

José Paulo Bisol 28

A busca do tempo anterior

Ilton Carlos Dellandréa 29

Despojados

Jane Fischmann 30

História madrigal

Cármine Antônio Savino Filho 31

Ares de Lisboa

Dimas Ribeiro da Fonseca 31

Senhor do Tempo

Silvia Maria Rocha 32

Devaneio na madrugada

Hermann H. C. Roenick 32

Galeria

Paulo Porcella 33

Ensaio fotográfico

O rio que nos habita

Eduardo Tavares 34

Entrevista

Tito Madi 36

Artistas convidados 38

A dimensão humana do magistrado

V em à luz mais um **Caderno de Literatura**, contando agora, para nossa satisfação, com a parceria e o apoio institucional do Banco do Brasil, organização que se confunde com a história do País.

Os tempos são difíceis, marcados por incompreensões e preconceitos contra o Poder Judiciário e a magistratura, ao mesmo tempo que, em vários setores, pululam tentativas de tentar eliminar a independência política dos magistrados brasileiros, talvez sua maior qualidade, a que os distingue no contexto latino-americano.

A AJURIS – conforme seu dever, não só para com os associados como também para com a cidadania – tem estado permanentemente atenta a esses temas.

Este **Caderno**, que chega a seu número 7, já é experiência consolidada de interação da magistratura com a sociedade, através da divulgação da produção cultural de tantos juízes (para quem esta publicação tornou-se importante incentivo) e de ilustres personalidades do meio artístico e cultural, que continuam a prestigiá-lo.

Os juízes do Rio Grande do Sul fizeram uma opção inarredável de comunicação com a sociedade, porque dela são parte integrante. Julgadores por missão constitucional, mas também – e principalmente – homens e mulheres que, na sociedade brasileira, vivem suas vidas, trabalham, amam, lêem, escrevem, riem, choram.

A dimensão humana do magistrado encontrou neste **Caderno** seu espaço próprio de registro e propagação, e de seus destinatários mereceu acolhida e estímulo, o que nos dá a certeza de que não haverá mordança, controle ou ameaça capaz de nos calar, tanto como seres humanos – pensantes, sensíveis e dotados de discernimento – quanto como cidadãos brasileiros.

• **Luiz Felipe Silveira Difini**

Presidente da Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul

Detalhe da aquarela de Myriam Dutra "Ao Fim do Dia" – Fotografia: F. Zago – Studio Z



Cultura e bem-estar social: juntos fazemos mais

Há 228 anos, casais de açorianos chegaram ao sul do Brasil, onde fundaram o Porto dos Casais, atual cidade de Porto Alegre. Às margens do Rio Guaíba, a cidade cresceu, acolhendo imigrantes de muitas origens e gerando um povo que tem orgulho de sua história.

Com o tempo, novos empreendimentos surgiram e, entre eles, o Banco do Brasil que, em março de 1916, instalou na capital gaúcha sua primeira agência no Estado.

Há 84 anos, o BB faz parte da história do Rio Grande do Sul e, em particular, de Porto Alegre. Integrado à comunidade gaúcha, está presente nos projetos empresariais e sociais da cidade e de sua gente. Por isso, temos orgulho em participar da edição deste **Caderno de Literatura** em homenagem a Porto Alegre, onde se encontram a história desse povo, a magistratura gaúcha e a cultura tão rica do Estado mais meridional do País.

Nos últimos anos, ao reforçar a natureza empresarial do Banco, mantivemos o compromisso

com a sociedade. É a atuação efetiva do Banco nos principais segmentos negociais que nos possibilita empreender ações mais adequadas a cada realidade brasileira, que tão bem conhecemos e que, num único exemplo entre muitos, leva cidadania a 28.717 crianças da rede pública no País, através do programa AABB Comunidade, com o apoio das Associações Atléticas do Banco do Brasil.

Essa conjugação de esforços tem o tamanho do Brasil

A aliança com o Poder Judiciário já gerou, em parceria com a AJURIS, o CD-ROM Biblioteca Nacional dos Direitos da Criança, distribuído a magistrados da infância e da adolescência do Brasil. Em outra iniciativa, desta vez

da AMB, foi editada a Cartilha da Justiça, contendo os direitos e garantias fundamentais do cidadão. Essa conjugação de esforços entre a magistratura e o BB tem o tamanho do Brasil, na medida em que, isoladamente ou em conjunto, ambos trazem, em suas competências, liberdade, paz social e desenvolvimento, que se traduzem em cidadania.

A responsabilidade social do Banco do Brasil é trabalhar para que a construção de um futuro mais digno passe, necessariamente, pelo apoio à criação e ao desenvolvimento de projetos que estimulem a educação, o esporte, a formação de consciência cidadã, a preservação e a divulgação da cultura em benefício do povo brasileiro.

• Paolo Enrico Zaghen
Presidente do Banco do Brasil

editorial

Porto Alegre em sentimento

A cidade do pôr-do-sol e do Guaíba precisa saber do afeto que trazemos no coração.

O velho porto conta histórias de gente que chegou e que partiu.

Conversas dormem na memória das pedras.

O rio que resplandece ao largo é o mesmo que corre em nosso corpo.

Veleiros silenciosos. Ilhas verdes diante dos edifícios.

No movimento das águas, por vezes, nossas lágrimas.

Prisioneiros do continente, amamos o Guaíba pelo que nele é lição de viagem e transitoriedade.

Navegantes do tempo, embarcamos no mistério a cada dia.

O que dizer dessas ruas quase secretas e seus pássaros no inverno?

Alguna melancolia encobre as praças que a bruma visita.

Pequenos sinos invisíveis soam.

Nos morros da cidade, a visão da beleza esquecida.

Quem um dia foi embora rezou sempre pra voltar.

Para o calor discreto da sua gente. Para essas vielas de jeito doce.

Enquanto caminho nesta manhã, no bairro Bela Vista, sinto essas coisas. Atravesso suaves alamedas e me surpreendo com estas casas de jardins persistentes. Árvores resistem nas calçadas. Pessoas passeiam.



Aquarela de Paulo Porcella

Por um momento, esqueço os assaltos, os assassinatos, o trânsito desumano, a absurda realidade. Não importa se alguns estragam o cenário.

A cidade dos hibiscos e do cais é puro sentimento.

É tempo de olhar nos olhos da clara Capital.

Esta edição é dedicada a Porto Alegre, seus habitantes e seu rio amados.

O **Caderno de Literatura** dá as boas-vindas ao Banco do Brasil. A presença amiga desta instituição entre nós significa, antes de tudo, uma homenagem ao nosso Povo e à nossa Cultura.

• **Jorge Adelar Finatto**

Diretor do Departamento de Cultura

correio

Tenho sido contemplada com o recebimento do *Caderno de Literatura* a partir do primeiro número. Agradeço a distinção e registro o prazer com que li, em especial, a edição de dezembro. Nela encontram equilíbrio a memória cultural – em depoimentos como os de Alphonsus de Guimaraens Filho, Sérgio Ribeiro Rosa, José Vellinho de Lacerda – e a produção literária recente, na expressividade de textos como os de Alberto Crusius, Afif Simões Neto, Jane Fischmann, José C. Laitano, Jorge A. Finatto, entre outros. Fazer revista literária é tarefa mais difícil do que à primeira vista parece. A AJURIS está dando um bom exemplo de como realizá-la e uma importante contribuição à vida cultural do Rio Grande do Sul.

Ligia Cademartori
Brasília – Distrito Federal

Recebi, ao regressar de viagem demorada, o *Caderno de Literatura* da AJURIS. É, na realidade, um regalo espiritual dos melhores percorrer as páginas da revista. O prazer é tamanho que a gente lamenta serem poucas as páginas. Parabéns! Jamais esqueçam de colocar meu nome na lista de correspondência, para que eu esteja sempre entre os privilegiados destinatários dos exemplares vindouros.

José Ronald Cavalcante Soares
Juiz Togado do TRT, 7ª Região

Constituiu uma agradável surpresa o recebimento do *Caderno de Literatura* nº 6. Agradeço a gentileza da remessa e louvo o conteúdo e a apresentação do referido Caderno. A AJURIS está de parabéns.

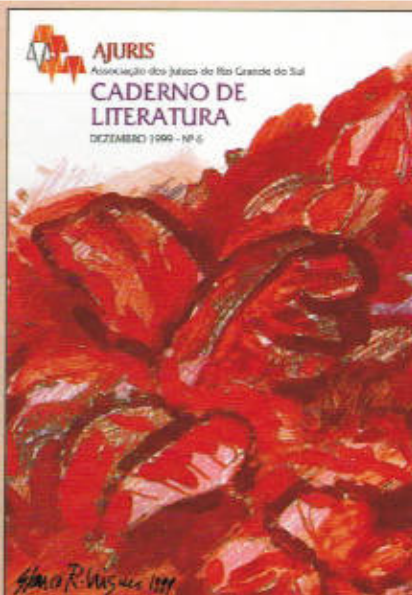
Gen. Ex. Haroldo Erichsen
da Fonseca - Ministro do Superior Tribunal Militar

A felicidade dos textos, o cuidado estético e a diversidade dos temas são alguns atributos desta excelente revista. O *Caderno de Literatura* vem contribuindo para nosso aprimoramento intelectual.

Juiza Lizete Belido Barreto Rocha
Presidente da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 2ª Região

Cumprimento-os efusivamente pela edição nº 6 – dezembro de 1999 – do *Caderno de Literatura*, cuja iniciativa e cujo teor preenchem a lacuna existente em nossa magistratura brasileira. Parabéns! Prossigam com ânimo, para nossa alegria.

Pedro de Castro Júnior
Juiz do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo



Tenho lido o *Caderno de Literatura* publicado pela AJURIS, desde o seu lançamento, e congratulo-me com sua equipe, tanto pela qualidade do trabalho editorial, quanto pelo nível dos trabalhos publicados. Tal iniciativa mostra que há um grupo de elite do Poder Judiciário gaúcho que vê sua responsabilidade social além do simples exercício profissional.

Silvia Maria Rocha – Mestre em
Administração Universitária – UFRGS

Cumprimento a diretoria da AJURIS pelo *Caderno de Literatura* nº 6, cujo recebimento deu-me imensa satisfação. Lembrou-me de quando, estudante do curso de Letras, em Minas Gerais, aguardava, ansiosa, o suplemento literário do *Minas Gerais*, que colecionava. Leve, agradável, com trabalhos bem elaborados, demonstra que o magistrado é, cada vez mais, um personagem sensível, que precisa estar presente também na cultura, porque atento, no seu dia-a-dia, aos fatos humanos. Não só de processos vive o magistrado. Teria imenso prazer em continuar a receber a publicação.

Maria Francisca dos Santos Lacerda
Juiza do Tribunal Regional do Trabalho do Espírito Santo

Recebi a edição nº 6 do *Caderno de Literatura* e fiquei entusiasmado pela iniciativa da AJURIS. A revista é, sem dúvida, um oásis relaxante no deserto árido de nosso trabalho.

Décio Divanir Mazeto
Juiz de Direito – Marília – São Paulo

Agradeço o gentil envio do *Caderno de Literatura*, ao tempo em que me congratulo pela feliz iniciativa. Publicação literária de altíssimo nível, estampa conteúdo de excelente qualidade. Estendo

minhas felicitações à AJURIS por apoiar trabalho de elevado valor. Gostaria de receber os números anteriores.

Ademar Pereira – Juiz de Direito do
Mato Grosso do Sul, aposentado, e
diretor da Faculdade de Direito da
Universidade Presbiteriana Mackenzie,
São Paulo

Sempre admirador da cultura e da intelectualidade sul-rio-grandense, agradeço o recebimento do *Caderno de Literatura* de dezembro de 1999, nº 6. Transmito-lhe minhas felicitações pelo empreendimento, bem como o desejo de continuar sendo agraciado com a remessa dos próximos números. É de grande salutaridade aqui, no extremo norte, desfrutarmos deste convívio literário com os colegas do extremo sul.

Herbert Tadeu Pereira de Matos
Juiz Titular da 10ª Vara do Trabalho
Belém – Pará

Ao acusar o recebimento da edição nº 6 do *Caderno de Literatura* da AJURIS, manifesto-lhe meu vivo interesse em continuar recebendo essa primorosa publicação, de excelente qualidade gráfico-editorial, e que revela a sensibilidade, a cultura e o humanismo da magistratura brasileira, destacadamente a gaúcha.

José Mauricio Pinto de Almeida
Juiz Substituto em 2º Grau no Estado
do Paraná

Parabenizo-o pela expressiva e valiosa obra *Caderno de Literatura*, da AJURIS. Primorosamente impressa, ela reúne, de forma heterogênea, a essência das almas daqueles que, lidando dia após dia com as mazelas humanas, ainda conservam sua natureza sensível e sonhadora: os juizes.

Márcus Vinicius de Moraes
Juiz de Direito – Minas Gerais

Agradeço à AJURIS o recebimento do *Caderno de Literatura* e felicito a direção da revista pela excelência dos assuntos versados, além da impecável apresentação e diagramação.

Paulino de Oliveira
Juiz aposentado – Rio de Janeiro

Gostaria de agradecer a gentileza do envio do *Caderno de Literatura* da AJURIS e de parabenizar a redação pelos belíssimos trabalhos literários publicados, todos dignos da melhor nota. Espero continuar contando com a leitura de tão interessante publicação.

Gardênia Carmelo Prado
Juiza de Direito – Sergipe

Comunicação ao Congresso

Portugal-Brasil ano 2000

António José Avelãs Nunes*

Tomo a palavra como Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Coimbra e em representação dela.

Poder fazê-lo nesta circunstância é para mim um privilégio pessoal. E é com grande alegria que o faço, naturalmente, na língua portuguesa, nesta língua *amarga e doce* que é a nossa, neste modo português de a falar, com vogais fechadas, sons guturais e sílabas anuladas, porventura mais *amargo* e menos *doce* do que o português falado no Brasil,

*onde as palavras recuperam sua substância total
concretas como frutos
nítidas como pássaros
(...)
com suas sílabas todas
sem perder sequer um quinto de vogal.* (Sophia de Mello Breyner)

Pero Vaz de Caminha relatou ao rei D. Manuel, na sua carta sobre o achamento do Brasil, que Cabral e os seus companheiros encontraram gente *boa e de boa simplicidade, de bons rostos e bons narizes, bem feitos* (as moças, *bem moças e bem gentis*), cujos corpos são tão *limpos e tão gordos e tão formosos, que não pode ser mais.*

Diz Pero Vaz que os homens de Cabral *deram-lhes ali de comer pão e pescado cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados.* Eles não quiseram comer daquilo qua-



Ilustração de Sônia Heinz. Técnica: bico-de-pena e aquarela

se nada. Mas *depois, poucos e poucos, misturaram-se conosco e abraçavam-nos e folgavam.*

Começou bem, como se vê, o encontro entre os portugueses, *saídos do mar*, e os povos que os receberam na praia, *esplêndidos de vigor e de beleza*, povos para quem o mundo era um *luxo de se viver*, nas palavras que peço emprestadas a Darcy Ribeiro.

Depois, como bem sabemos, fomos heróis e fomos cobardes; fomos idealistas e fomos interesseiros; fomos generosos e fomos cruéis; misturámo-nos com outros povos e fomos racistas. Fomos e somos, porém, um povo com história, uma história feita de grandezas e misérias, como toda a história dos homens.

Esgotado o ciclo do império, os

portugueses regressaram finalmente à sua velha casa europeia, a estes 89.000 km² *cercados de mar e de Espanha por todos os lados* (Torga), ao ponto de partida das nossas aventuras e das nossas desventuras, a esta praia onde o mar se acabou e a terra espera (Saramago).

E creio que estamos hoje em situação privilegiada para iniciar uma nova relação com todos os povos que conosco aprenderam a falar a língua portuguesa, que é a nossa *Pátria comum* e que, no caso do Brasil, terá sido e continua a ser – se não erro muito – um dos fatores mais relevantes para explicar o verdadeiro milagre que é a manutenção da unidade desse enorme País continental e pluriracial, o *Brasil brasileiro* que é a vaidade das vaidades da nossa vaidade de sermos portugueses.

Neste tempo em que recordamos o nosso primeiro encontro há 500 anos, o Brasil continua a aparecer-nos *esplêndido de vigor e de beleza*, agora que estamos de novo a achar o Brasil, ao tomarmos consciência de como é fundamental para nós, no plano político, no plano económico, no plano da afirmação da nossa própria identidade cultural, aprofundar o nosso relacionamento e a nossa cooperação com esse grande País do mundo que fala português, um País que não pode deixar de vir a ser uma potência à escala mundial.

Passados 500 anos, trata-se, afinal, de repor o espírito daquele primeiro encontro nas praias de Vera Cruz, *abraçando-nos e folgando* uns com os outros, isto é, reforçando o nosso convívio, aprofundando o conhecimento recíproco, compreendendo-nos melhor e respeitando-nos como iguais, plenamente conscientes das nossas diferenças.

Ao fim e ao cabo, é o que nos propomos fazer durante estes três

dias: estreitar as relações pessoais, conviver fraternalmente, discutir livremente questões de interesse comum, aprender uns com os outros, sem preconceitos nem tabus.

**Todos desejamos que
Brasil e Portugal possam
ajudar a construir um
mundo liberto, uma vida
limpa, um tempo justo**

Há uns anos atrás cantava o Chico Buarque: *Ai, esta terra [o seu Brasil] ainda vai cumprir seu ideal, ainda vai tornar-se um imenso Portugal.*

O poeta-cantor falava assim, quando, liberto Portugal de uma ditadura de 48 anos, o Brasil continuava sob regime militar. E só neste contexto podem entender-se as suas palavras.

Naturalmente, todos desejamos que Brasil e Portugal possam viver em liberdade e em paz e possam ajudar a construir, acompanhando Sophia de Mello Breyner, um *mundo liberto, uma vida limpa, um tempo justo.*

Mas é claro que o ideal do Brasil não é nem será o de tornar-se um *imenso Portugal*, do mesmo modo que Portugal não é nem poderá tornar-se um pequeno Brasil.

Hoje não somos apenas dois países diferentes, somos também dois povos diferentes. Cada um tem que fazer o seu próprio caminho, lembrando e honrando a história comum, sem esquecer nem repudiar nenhum dos seus momentos, assumindo por inteiro as grandezas e as misérias da nossa história colectiva. A identidade de cada um dos nossos povos continuará a afirmar-se, mas estou certo de que o *Portugal português* e o *Brasil brasileiro* continuarão a ser as pátrias

dos dois povos irmãos que somos há séculos.

Gostaria de formular o desejo de que consigamos partilhar as nossas vidas, os nossos projectos e, sobretudo, os nossos êxitos com os demais povos que falam o português. Oxalá a CPLP** se consolide, alargando e reforçando a nossa cooperação no plano político e no plano económico, no plano científico e no plano tecnológico. Mas, acima de tudo, faço votos para que ela continue a ser a *comunidade de culturas* e a *comunidade de afectos* que tem sido até hoje.

Todos sabemos que os tempos não são fáceis e que verdadeiras tragédias se abatem sobre muitos dos nossos irmãos com quem nos entendemos falando português.

Neste final de século e de milénio, anunciador de tantas esperanças legítimas, mas tão carregado de penosas angústias, apetece-me terminar esta minha fala convocando o poeta Bertold Brecht para dizer com ele (quem sabe se alguns de vós poderão acompanhar-nos):

*Pedimos expressamente
que não achem natural
o que sempre acontece!
Que nada seja tido
por natural neste
tempo de confusão
sangrenta, de desordem
ordenada, de
arbitrariedade
sistemizada, de
humanidade desumanizada,
para que nada disto
se mantenha.*

Muito obrigado pela vossa atenção.

Coimbra, 23 de junho de 1999.

A grafia do texto foi mantida conforme o original enviado pelo Autor.

* Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Coimbra, Universidade de Coimbra, Portugal.

** Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa.

Deves a Deus

uma morte

*Ricardo Legendre Townsend**

Vicente Moliterno, poeta gaúcho participante do Movimento Quixote, que reuniu escritores, poetas e artistas, em Porto Alegre, entre 1946 e 1961, morreu no dia 27 de dezembro de 1958. Morreu de forma violenta.

O veículo que dirigia caiu de uma ponte dentro de um curso d'água, virado sobre o dorso, afogando-se Vicente em pequena lâmina líquida.

Sobre sua mesa, encontrou-se este último trabalho:

A Estrada

Vicente Moliterno

A força do homem se aniquila, trêmula e fluida, quando a estrada se avoluma e cresce aos seus olhos como um gigante de pêlos eriçados, cujas faces se abrem ao calor terrível das mais sórdidas paixões.

Vamos, Evaristo, deixa que caiam as pálpebras da noite, que as sombras saltem dos subterrâneos e se incorporem ao páli-do ritmo do cotidiano. A mão crispada já não sugere mais a trágica ambição do frustramento e do nojo. Precisas caminhar, caminhar entre pedras e à medida que o tato for rareando, escasso como uma flor, escolherás a pe-

dra que feriu o teu destino. E a ela amarrarás a vida, a tua miserável condição humana. As lágrimas não servirão de preâmbulo à insônia do teu gesto. Estás perdido no escuro, e os sentidos falham como um motor enguiçado. Procuras uma saída? Doido, as portas estão fechadas para ti, para nós.

Eis o que o mundo te oferece, balofo: – uma escolha falsa que dá para um mar de vidro e andorinhas.

A estrada é a tua única saída, teu bálsamo, tua miséria sem dor. Vês como é longa e se perde ao teu olhar esbugalhado e aflito? É para lá que tu vais, ou melhor, teu espírito passeia nela, encharca teus poros de angústia e te faz mais ladino. Olha, Evaristo, como balançam as pal-

meiras, ou serão os teus olhos que dançam na respiração incorpórea dos ventos?

**Assim os pássaros
levarão no bico a frágil
notícia do teu sono**

Embalde simulas um gesto, essa vontade incompleta de recuperar a ti mesmo. Veste o escafandro, desce, desce até onde o som da voz for um tênue borbulho. Um sopro de esperança, um acalanto ou um beijo. O essencial é que a força sincronizada da superfície não fira o olfato, caminhe pela garganta das águas e te faça adormecer nas encostas de um rochedo. Assim os pássaros levarão no bico a frágil notícia do teu sono.

artigos

À primeira vista, salta aos olhos a coincidência entre o texto e o destino do poeta, fazendo-nos crer em uma premonição, na qual o vate fazia entrever seu futuro sombrio. De tal forma movido por uma curiosidade que eu chamaria de mórbido-profissional, resolvi ir em busca de outros trabalhos do autor, encontrando a obra *Um pai morre no campo* (Livraria do Globo, 1958). Nesse texto pontificam passagens que retornam à imagem de rio, pontes, tempo e morte. Pincei algumas, para fins de ilustração:

*Alguém nos chama de noite
Para cruzarmos um rio e o rio se
afasta*

...

(E o rio se afasta). (in Herança)

*Vinte vezes o malho percutiu.
O som paralisou o que era móvel
E curva a ponte fendeu-se para o
rio. (in Poema)*

*O exiguo maior bailou na ponte.
(in Poema intencional)*

*Meus pés pisam a noite na calçada
E um gemido soturno se levanta
Vindo do caos, do além talvez,
Da traquéia escura de algum
morto.
(in Canção)*

*Uma camada líquida retém o sono
Do que vai acordar – raiz do
efêmero.
(in Um pai morre no campo)*

Nesse momento, devemos manter em foco a função precípua da análise freudiana. Segundo a teoria de Freud, nosso psiquismo pode ser dividido em três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente.

O consciente toma forma na nossa volição, naquilo que fazemos ou deixamos de fazer, clara e concatenadamente. O pré-consciente abrange os pensamentos e lembranças em que há necessidade de um certo esforço para trazê-los à mente. Ao inconsciente restariam todas as nossas pulsões e desejos mais instintivos e latentes, ligados ao homem mais primevo.

O inconsciente ocupa a maior parte de nossa vida

Manifestar-se-ia, este inconsciente, nos sonhos, atos falhos, nas pequenas insignificâncias diárias às quais não prestamos atenção, e por isso tão importantes, nos fatores internos que nos fazem tomar uma decisão tal e não qual. O inconsciente, portanto, ocupa a maior parte de nossa vida.

Não devemos pensar que a coexistência entre essas três instâncias seja pacífica ou harmoniosa. Existe uma negociação, um conflito permanente entre aquilo que desejo, aquilo que devo ou não devo, e aquilo que posso ou não posso fazer. Muitas vezes fazemos, ou dizemos, ou deixamos de fazer ou dizer, sem que saibamos o porquê disso ou daquilo e, quan-

do questionados, conscientemente não sabemos responder.

Diz Freud:

Mas o caráter comum a todos os casos, tanto os mais leves quanto os mais graves, e que é igualmente encontrado nos atos falhos e nos atos casuais, é que os fenômenos podem ser rastreados a um material psíquico incompletamente suprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim não foi despojado de toda a sua capacidade de se expressar [grifo do autor].

Segundo essa teoria, os sonhos proféticos surgiriam como desejos inconscientes que forçariam sua passagem ao conhecimento através dos sonhos, mais das vezes como imagens simbólicas, metafóricas, numa linguagem própria, mas teoricamente acessível através da análise. Noutras vezes, aquilo que sonhamos pode tornar-se realidade subseqüente devido a esse mesmo processo de expressão.

Acrescenta Freud:

Não creio que um acontecimento de cuja ocorrência minha vida anímica não tenha participado possa ensinar-me algo oculto sobre a forma futura da realidade: acredito, porém, que uma manifestação inintencional de minha própria realidade anímica de fato revele alguma coisa oculta, muito embora seja algo que só pertence a minha vida anímica [não à realidade externa]; creio no acaso (real) externo, sem dúvida, mas não em casualidades (psíquicas) internas.

Seria possível que um indivíduo pudesse predizer sua própria sor-

te? Segundo Freud, sim, não como premonição, mas como aviso de pulsões inconscientes ou, ainda, como sinais de risco à integridade, percebidos sub-repticiamente ao longo da carreira diária. Mas, no caso mais sombrio, o que levaria alguém a desejar o próprio fim? Para tal anseio, poderíamos elencar várias causas.

Em primeiro lugar, alguém molestado por uma síndrome depressiva, atualmente muito analisada, pois que existe já uma série de estudos bem controlados que fazem crer em evidências genéticas e bioquímicas, que introduziriam o doente a uma situação nihilista e suicida. Aqui, a *premonição* faz pensar num aviso, numa admoestação ao sujeito em si. Destarte, numa outra hipótese, o indivíduo atentaria contra si próprio quando desejasse acabar com o mundo, representado dentro de si mesmo, como vingança, raiva ou revolta. *Mato o mundo matando-me.*

As cartas de suicidas aí estão para asseverar essa assertiva, pois que de outra forma se poderia culpar alguém senão apontando-lhe o dedo, mesmo que de forma caridosa ou piedosa? Outro móvel a levar alguém a sair da vida encontra-se entre aqueles que possuem moléstias dolorosas e incuráveis, que não vêem outro futuro que não o sofrimento e a consumpção. Aí incluem não somente as doenças físicas, como o câncer, a pancreatite ou as demências, mas também as psicoses, como a esquizofrenia, em que a taxa de suicidas é muito maior que a média populacional.

A procura pelo conhecimento do futuro não é atividade recente. Os oráculos, os arúspices, os áugures, todos eles estiveram de

alguma maneira acompanhando a civilização. É nossa desesperada curiosidade e a procura da melhor forma, do melhor negócio, da melhor escolha, em suma, da melhor vida. Mas nunca da melhor morte. Nenhum adivinho pôde predizer sua própria morte. Mesmo o pássaro fênix não previa sua morte, mas a pressentia, construindo, então, sua pira funerária, onde iria imolar-se e sair das cinzas.

Ao ler o poema encontrado na máquina do poeta, chamado *A estrada*, e sabedor do fim desse autor, lembrei-me de Tirésias. Cegado por Minerva por tê-la surpreendido nua tomando banho numa fonte, foi compensado, a pedido de Cáriclo, junto à deusa, com o dom da adivinhação e a purificação dos ouvidos para que pudesse compreender a linguagem dos pássaros. Atribuíram-se a ele várias profecias ligadas a Tebas. Tirésias, segundo uma versão, morreu de fadiga, junto com Manto, sua filha, ao serem aprisionados e levados a Delfos para consagrarem-se a Apolo. Fiquei pensando no terror que tomaria conta de qualquer infausto se soubesse que morreria de forma tal e ainda acompanhado de sua filha. E se outra morte, antecipando-a, não fosse possível?

Seria impossível a predição da própria morte

Eros é um deus poderoso, mais que isso, é uma força sempre insatisfeita e inquieta. Seria impossível a qualquer indivíduo a predição de sua própria morte, a não

ser como acaso, temor ou profecia auto-realizável.

Lucano dizia:

Por que, ó senhor do Olimpo, quando os próprios mortais são presas de tantos males presentes, lhes dar ainda a conhecer, mediante presságios, as desgraças futuras? Se teus desígnios devem cumprir-se, faze que permaneçam secretos e nos atinjam inesperadamente! Que nos seja permitido ao menos esperar tremendo.

Acrescentarei Cícero: *Nada se ganha em conhecer o futuro; e infeliz é quem se atormenta em vão.* A ignorância, ou melhor, a inacessibilidade de nosso inconsciente à idéia de nossa própria morte é o que nos aproxima mais do homem primitivo, mas também é o que permite que permaneçamos vivos e atuantes. A simples formulação de nossa limitação vital tornaria impossível viver.

Somos como cavalos que mais rápidos são quanto mais instáveis suas estruturas. Precisamos dessa ignorância. Como poderíamos fazer projetos, procriar, esforçar-nos na labuta diária, lutar, competir, conquistar ou levantar-nos após uma derrota se soubéssemos do fim que nos aguarda? Na realidade, fazemos tudo isso justamente pelo fato de que preferimos acreditar que não somos finitos, a morte é algo que existe para os outros e os próximos queridos dos outros! A crença na não-mortalidade é o que nos faz viver. De uma forma bem chã, algum sujeito colocaria filhos no mundo se adivinhasse sua morte e a de seus filhos queridos?

Ao longo de meus anos em consultório psiquiátrico, em somente uma situação vi indivíduos lutando contra os reveses de doenças



artigos

graves e fatais. Era quando se imbuíam de coragem extrema para suportar dores indizíveis, tratamentos heróicos e imensa paciência. Era quando o faziam pensando na falta que fariam a seus familiares, muitas vezes menores de idade ou cônjuges despreparados. Se porventura escondiam um desejo de ficarem bons, aguardando uma graça em troca de seu esforço, ou uma descoberta médica curativa; se assim o faziam para não virem a sentir remorsos por não terem lutado o suficiente; se o faziam porque também haviam perdido parentes queridos, restando feridas e mágoas, e sofrimento, e não gostariam que sentissem o mesmo por eles, é indiferente.

Diz-se que o homem quando se encontra frente ao momento final, inadiável e irremediável, conforta-se, aquiesce. Até hoje nunca vi uma morte bonita. Vi mortes ausentes, com sujeitos moribundos, comatosos. Vi mortes violentas e indesejadas, com olhares perplexos e sequiosos de ajuda. A morte só tem *glamour* para quem a assedia. Tivemos já ondas cosmogônicas em que a morte era um objeto de desejo. Acredito que nessas ocasiões o temor pelo futuro incerto, as mudanças bruscas, as quebras de valores, as guerras foram o pano de fundo dessa procura.

Tenho um amigo que também acumula as funções de juiz, que

não é Carlos Saldanha Legendre, pois este incumbe-se de quatro funções: de parente, amigo, poeta e magistrado. Disse-me, certa vez, que julgar era um ato fácil, pois bastava avaliar em qual das partes encontrar-se-ia maior sensatez e embasamento.

Não existe premonição na psicanálise

Ao longo deste texto, uma pergunta tem-se mantido irresponsada, e o fiz de forma consciente, procurando trazer dados para melhor atacá-la. Mas, afinal, foi premonição ou não? Leigamente falando, poderíamos querer acreditar que sim, que seria possível crer no pavoroso feito de se prever a própria morte, mas a teoria analítica de Freud nos responde que não. Não existe premonição na psicanálise. Existiriam desejos inconscientes que se manifestariam, por não terem sido suficientemente abafados, mesmo contra nossa vontade consciente. Faltaria o testemunho do poeta, feito este sobejamente impossível.

Mas o que um poeta eminente, de família bem constituída, bem colocado profissionalmente, teria em mente para pôr fim a sua jornada? Além do mais, não seria imaginar demais que alguém preveria

sua morte afogado em meio metro d'água, de cabeça para baixo? Tarefa árdua responder, pois só nos restam sinais dispersos em suas obras, como os fragmentos que pinçamos, acrescidos a outros, como por exemplo o fato de seu livro haver sido publicado no ano de sua morte e, além do mais, o inconsciente pode não nos matar, mas dar chances a acidentes porventura fatais. Poderíamos crescer, ainda, uma última hipótese, também incluída na teoria freudiana, que seria o acaso. Terrível acaso, como um mal súbito, uma falha mecânica ou um problema qualquer na via em que transitava, de qualquer forma, algo que escapasse de sua esfera psíquica.

Não tenho mais nada para cantar (no poema *Final*, da obra *Um pai morre no campo*).

Começamos com uma morte e um poema, discorrendo acerca da possibilidade de predizermos nosso próprio destino. Segundo acredito, somente seria possível como temor, acaso ou profecia auto-realizável. E gostaria de finalizar com *Henrique IV, parte I*, de Shakespeare:

Deves a Deus uma morte.

* O autor é médico psiquiatra e psicoterapeuta em Porto Alegre.

De um caderno

de notas

O Túmulo de Alphonsus

Falecido em 1921, na arqui-episcopal cidade de Mariana (*onde é mais triste, ainda, triste vida humana*), o poeta Alphonsus de Guimaraens foi ali mesmo sepultado, no cemitério de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no alto de uma colina. Na cruz que encimava sua modesta sepultura, um amigo mandou colocar inscrição ingênua e piedosa, que dizia: *Aqui jaz poeta do luar, Dr. Alphonsus de Guimaraens.*

Murilo Mendes foi um dia visitar esse túmulo, já então quase perdido no meio do capinzal que o rodeava e, numa tocante homenagem, ajudado por duas outras pessoas, pôs-se a retirar a sujeira que cobria a tosca sepultura, como deixou expresso no poema *Contemplação de Alphonsus*:

**Três poetas
desdobrando o mesmo rito
No movimento sêxtuplo
das mãos
Limpam a tumba rústica
de Alphonsus
Na dúbia luz que de
seus versos vem.**

Informa-me Alphonsus de Guimaraens Filho que acompanhavam Murilo, nessa peregrinação, sua esposa Maria da Saudade Cortesão e Carminha Gouthier – os dois outros poetas que ajudaram na piedosa tarefa de limpar o túmulo de Alphonsus.

Quando governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, num gesto muito seu, fez questão de saldar a dívida que o Estado tinha para com o grande poeta e autorizou a construção de um mausoléu que lhe perpetuasse a memória. O terreno, porém, em que ele estava sepultado, demasiadamente exíguo, não comportava o monumento projetado. Além disso, o próprio cemitério se encontrava decadente e quase abandonado.

O mausoléu foi então construído no Cemitério Municipal, junto à igreja de Santana, para onde foram transportados os restos mortais do poeta, que lá hoje se encontram.

O monumento lembra um livro aberto, tendo no meio uma cruz. Por sugestão de Alphonsus de Guimaraens Filho, numa de suas faces foi gravado o verso *Minh'alma é uma cruz enterrada no céu,*

retirado de um dos poemas do pai. Inaugurado em 1953 pelo Governador do Estado, nessa ocasião Augusto Frederico Schmidt, a convite de Juscelino, ali pronunciou um discurso que é de suas mais belas páginas em prosa, infelizmente não recolhida em livro.

Surpresas da literatura

Caiu no esquecimento o nome do escritor Eduardo Frieiro. No entanto, que ensaísta admirável! De grande finura de espírito e servido por vasta cultura (adquirida com os seus saudáveis hábitos de autodidata), deixou-nos alguns livros que mereciam estar nas mãos dos jovens (de todos os jovens), ao começarem eles a abrir os olhos para o mundo maravilhoso da Literatura. Estão neste caso, sobretudo, *A ilusão literária* e *Os livros, nossos amigos*.

No primeiro desses volumes, referindo-se a Flaubert, salienta Frieiro a curiosa antinomia ocorrida na fortuna crítica do romancista de *Madame Bovary*:

artigos

Flaubert ficou conhecido como o arquétipo do escritor laborioso e torturado. Escrevendo numa época de autores singularmente fecundos, na idade de ouro do romance e do conto, admira que tenha deixado somente seis obras; em todo o caso, diga-se logo, seis obras-primas. Flaubert, entanto – o que são as coisas! – jamais poderia adivinhar que suas cartas, escritas sem nenhum esforço, hoje seriam mais apreciadas que os

livros que deu a lume com tanto trabalho!

O rouxinol e o artista

Charles Lalo, o conhecido crítico e ensaísta francês, professor honorário da Sorbonne e autor de *L'Art et la Vie Sociale*, estabelece esta original comparação entre o rouxinol e o artista:

O rouxinol só canta na estação dos amores. Isto por não ser ar-

tista. O canto não é para ele senão um suplemento de atividade fisiológica. Se fosse homem, cantaria, ao contrário, quando – tendo o amor no coração – não pudesse amar.

* Jornalista e escritor, residente no Rio de Janeiro, é autor, entre outros, do livro *República das letras* (3ª ed., RJ, Civilização Brasileira, 1996), no qual reuniu entrevistas com vinte dos maiores escritores brasileiros. Escreveu, ainda, *História de uma confraria literária, o Sabadoyle*, publicado pela Biblioteca Reprográfica Xerox, em 1985.



Myriam Dutra - "Então eu paro e olho o Gualba". Técnica: aquarela sobre papel. Fotografia: F. Zago - Studio Z

Lembrando

Jorge de Lima

Alphonsus de Guimaraens Filho*

Apenas uma vez estive com Jorge de Lima. Eu residia então em Belo Horizonte. Vindo ao Rio de Janeiro, fui levado a conhecê-lo no seu consultório médico por um dos grandes amigos que tive, dono de alta poesia como Jorge de Lima, o mineiro Murilo Mendes. Falando neste, logo me lembra que ele e Jorge de Lima publicaram juntos um volume de poesia, *Tempo e eternidade*, no qual se propunham a *restaurar a poesia em Cristo*.

Não foi longa nossa conversa, mas para mim inesquecível. Achou-me parecido com João Alphonsus; meu irmão falecera, prematuramente, poucos meses antes. Falou-me dele, e depois de meu pai. Despedimo-nos já como amigos e, daí para a frente, recebi de Jorge de Lima alguns de seus livros, mais do que preciosos, como, por exemplo, a primeira edição do admirável *Livro de Sonetos* e do soberbo *Invenção de Orfeu*, este talvez o decerto a maior realização do seu superior engenho.

Guardo do ser humano que ele foi somente essas impressões de um único encontro. Pre-

firo, ou desejo, por isso mesmo, ocupar-me mais do poeta, nem me seria possível o contrário.

Jorge de Lima começou parnasiano. Os que conhecem ou estimam a poesia sabem que o maior exemplo dessa fase é o soneto que veio a se tornar famoso: *O acendedor de lampiões*. Já nesses versos há a presença embrionária do grande poeta futuro, dado a perquirir, ou indagar, numa ânsia de serenidade e equilíbrio que afinal o conduziria ao misticismo e à religiosidade de seus livros finais. O poeta do Nordeste já estaria se anunciando nesse soneto como em *Os Cipós*, em alexandrinos que naturalmente não lhe permitiriam as deliciosas liberdades dos poemas seguintes, a começar de *O mundo do menino impossível*.

**Sua expressão
foi sempre intensa
e comovida**

O Jorge de Lima do pitoresco e do cotidiano exibia a mesma sensibilidade aguda, a mesma linguagem rica e poderosa. Sua

expressão foi sempre intensa e comovida:

*Ó que noite tão longa,
Ó que noite tão longa!
Que é que chora lá fora?*

– *A humanidade ou qualquer fonte?*

Esses versos são imediatamente posteriores aos importantes *Poemas negros* e estes, por sua vez, antecedem a fase mística, iniciada com *Tempo e eternidade* e prosseguida em *A túnica inconsútil*. Nem se esqueça outro livro seu, *Anunciação e encontro de Mira-Celi*. Essa fase foi resultante das mais diferentes experiências: resultante lógica, porque a religiosidade do poeta, embora menos definida, se fazia presente nos seus versos anteriores, bem como se fora definindo aos poucos e era inerente ao seu espírito. Olhada em conjunto, a obra poética de Jorge de Lima, rematada com um livro, *Invenção de orfeu*, que representa a sua culminância e é dos mais complexos do nosso tempo, nos permite verificar como se renovaram incessantemente os seus processos, como o poeta soube sempre dominar e enriquecer sua pujante técnica

artigos

e os seus ritmos e formas, como encontrou expressão para os sentimentos mais antagônicos, permanecendo o mesmo e autêntico, seja quando se voltava para o cotidiano mais real ou quando buscava captar as ressonâncias do etéreo e do sobrenatural.

Quando escrevi, em janeiro de 1953, na cidade espírito-santense de Guarapari, os *Sonetos com dedicatória*, procurei homenagear, além de estrangeiros, muitos poetas do nosso País. Entre eles, Jorge de Lima. Sucede que o soneto que lhe dediquei me saiu muito irregular, ao contrário dos outros, todos decassílabos. Senti logo que não poderia aproveitá-lo no livro, dada a circunstância de contarem, sim, catorze versos, mas todos, a bem dizer, de ritmos inumeráveis. Ao publicar, em 1960, os *Poemas reunidos*, resolvi aproveitá-lo no livro a que denominei *Aqui*.

Antes de transcrevê-lo, quero reproduzir um dos poemas de *A túnica inconsútil*, de Jorge Lima. Trata-se de uma criação belíssima desse livro extraordinário. Seu título é *Marta ou Maria*, e seu final se liga ao final do que compus para traduzir todo o meu apreço pelo notável poeta:

*Tu tens nas tuas mãos as duas irmãs de Cristo:
a que escreve, a que trabalha, a que propaga a palavra
divina, a que louva e proclama a sua glória e a sua
poesia; e a que silenciosa ampara a tua frente pendida
onde irão cravar uma coroa de espinhos.*

Concluindo, permitam-me transcrever o meu A Jorge de Lima:

*Contemplo-te na tua estrutura definitiva
não no imóvel pó imobilizado,
mas integrada no silêncio a face viva,
o espírito (afinal liberto) transfigurado.*

*Depois de bater 'em defesa do espírito criado',
de soluçar de joelhos: 'Pai amado,
meus membros não darão na cruz';
de espalhar a semente de que deriva
a claridade maior,
a poesia que unge e consola, comunicativa*

*como numa estrela que se adivinha na névoa,
compareceste 'nu perante Cristo'.*

*Havias palmilhado os incertos caminhos
do mundo. E os sofrimentos que colbeste*

*eram a tua auréola final. Contemplo-te:
como nos perturba a vida
que bá na tua face invisível e na frente pendida
onde jaz enterrada a coroa de espinhos.*

* Poeta, escritor, Subprocurador Geral do Tribunal de Contas da União, aposentado. Autor, entre outras obras, de *Lume de estrelas*, *O mito e o criador* e *Água do tempo*.

Em busca de Marcel

Carlos Alberto Alvaro de Oliveira*

Nas estradas da Normandia, em direção a Trouville, tinha a preocupação de chegar logo a Cabourg, pequena cidade balneária do norte da França. O Grande Hotel era minha meta, primeira etapa da procura, pois me haviam informado em Paris que Marcel tinha viajado de trem com a avó, para visitar Madame Verdurin e depois se acomodaria no suntuoso Palácio *belle époque*. Não foi difícil encontrar o caminho, estava realmente, como disseram, no meio de uma praça rodeada de antigas mansões, onde despontava *La Argentina*, ecos de um passado de glórias de algum Barão dos pampas. Já era tarde quando cheguei e resolvi me instalar, no quarto andar, num dos poucos apartamentos disponíveis. Durante a noite, forte cheiro de vetiver inundou a peça, presumo que era do verniz que recobria os móveis e uma estante envidraçada. Quando estava quase adormecendo, ouvi três toques leves, como se, do quarto ao lado, me chamassem, mas o ruído cessou.

No outro dia de manhã, tendo o porteiro esclarecido que nenhum Marcel havia se hospedado, resolvi aproveitar a proxi-



Ilustração de Mônica Ruschel. Técnica: pastel seco sobre papel

midade do mar. Após descer uns poucos lances de escadaria nos fundos do edifício, estava-

se na praia. Várias moças passeavam na areia. Uma jovem ciclista de negros cabelos, a

boina baixada para suas faces rechonchudas e os olhos alegres e um pouco persistentes, com um sinalzinho no queixo me chamou a atenção. Nossos olhares se cruzaram com interesse e desde logo deu-se uma empatia entre nós, o que me animou a tentar uma aproximação: – Por acaso você conhece um jovem chamado Marcel, que veio de Paris e costuma passar as férias no Grande Hotel? – Um rapaz moreno, de estatura mediana, de bigodes, que anda sempre muito bem vestido e é amigo do Marquês de Saint-Loup? – Sim, esse mesmo! – Pois saiba que foi com Swann e Odette passar uma temporada com uma amiga que eles chamam de Patroa, num local chamado La Raspelière, mas não sei onde é. – *Merci* pela informação.

Ficamos amigos e até jantamos aquela noite. Não no refeitório do Grande Hotel, a que os jorros de luz dos focos elétricos infletindo na grande vidraça que dava para o mar transformavam num imenso e maravilhoso aquário, mas num pequeno restaurante em Rivebelle. O lugar era charmoso, suas mesas com seus linhos adameados eram como toalhas de altar para receber o pôr-do-sol... Para os íntimos, posso contar um grande segredo, o *menu*: ostras de entrada, depois robalo cozido em molho de escabeche, rodeado de ma-

riscos, caranguejos, camarões e mexilhões, cordeiro de Pauillac, batatas à inglesa e, como sobremesa, um divino *sufflê* de chocolate, goticamente enfeitado de açúcar. Durante a refeição, entrou com grande espalhafato a princesa de Luxemburgo, alta, ruiva, linda, o nariz um tanto saliente. Seu criado trazia um cesto de frutas maravilhosas, com glaucas ameixas, luminosas e esféricas, como a redondeza do mar naquele momento, uvas transparentes, pendentes do galho seco como um claro dia de outono e pêras de um azul celeste. Nossa bebida, do começo ao fim, um *champagne Veuve Clicquot* de safra especialíssima.

Não tive tempo de visitar em Balbec a igreja persa, com sua Virgem do Pórtico, que o pintor Elstir dizia ser a mais bela Bíblia historiada que um povo pode ler. Um amigo me telefonou dizendo que Marcel estaria em Illiers-Combray, pequena aldeia nas cercanias de Chartres, visitando suas tias. O endereço era Rua



O Autor, diante do Grande Hotel

do Espírito Santo, 53, perto da praça da Igreja de Saint-Illiers.

Foram cinco horas de carro. Já passava do meio-dia quando cheguei à velha casa assombrada. Quando abri o portão, o breve som da campainha inundou o pequeno jardim dos fundos. *Madame Léonie*, disse Françoise, a cozinheira, *não poderá atendê-lo, pois está meio adoentada, passando, como sempre, mal do estômago, mas mandou lhe oferecer chá de limão e 'madeleines'* – pequenos bolinhos, que parecem moldados na concha de uma ostra; *infelizmente, o 'petit' Marcel retornou a Paris.* Agrade-ci o convite, minha aflição em

encontrar Marcel era grande, resolvi prosseguir viagem; afinal, com sorte, em duas horas estaria em Paris.

O palacete do Boulevard Haussmann estava fechado. Segundo Jupien, o alfaiate do térreo, no próximo fim de semana era quase certo que a procura teria um final feliz; telefonasse daí a dois dias. Diante de tanto mistério só pude me contentar em desfrutar dos prazeres de Paris, que são tantos! Alguns dias após, Jupien, muito simpático, me fez um roteiro das possibilidades, pois Marcel não dera sinal de vida. Quem sabe no Parc Monceau, ali no Boulevard de Courcelles? No Ritz Hotel, na Praça Vendôme? No Maxim's? Nos jardins da avenida Champs-Élysées, ou no *Faubourg* de Saint-Germain, na *Rive Gauche*, no quadrilátero formado pelas ruas de Lille, Constantine, Babylone e Bonaparte? Se perder as esperanças, sempre resta o Bois de Bolougne; procure no Restaurante *du Pré Catalan*, é um dos lugares prediletos do nosso amigo e dos Verdurin, duas estrelas do *Guide Michelin*, o telefone é 45 24 55 58 (estaria ganhando comissão?). Ei, se for lá não deixe de provar a especialidade da casa, o *saucisse de couenne* et *jeunes légumes aux parfum de truffe* (comer é, na França, uma religião!).

Puxa! O roteiro não era pequeno! Como ninguém é de ferro, resolvi iniciar a maratona pelo

Maxim's. Antes daria uma procurada na *Place de La Madeleine* e depois jantaria no célebre restaurante da Rue Royale, a duas quadras dali. A reserva tinha sido feita numa das mesas do chamado *l'omnibus*, as mais procuradas, pois aí se pode ver passar todo mundo, das *demi-mondaines ao gratin*. A expectativa era grande. Lá pelas dez da noite entrou um jovem moreno acompanhado de um homem de uns quarenta anos, muito alto e corpulento, de bigodes muito negros. O mais velho era Palamedes (Palamedes em honra a uns antigos antepassados príncipes na Sicília) de Guermantes, os mesmos Guermantes que possuem um castelo perto de Combray e que se dizem descendentes de Genoveva de Barban-te, dos duques de Nemons e dos príncipes de Lanbelle. Tinha uma voz parecida com um contralto em que não está suficientemente cultivado o registro médio e cujo canto parece um dueto entre um jovem e uma mulher. Era como se houvesse um bando de donzelas escondidas na voz do Barão de Charlus. Mais uma decepção. Nem o moço era Marcel nem o Barão se dignou a prestar qualquer informação, limitando-se a dar lânguida e molemente dois dedos para me cumprimentar, como se estivesse prestando um grande favor. Que maçada! O vôo de retorno estava marcado para o outro dia e nenhuma pista, o homem se evapora-

ra, falavam agora em Veneza ou em Delft e numa possível visita às obras de Vermeer, mas já estava cansado e tinha compromissos inadiáveis no Brasil. O remédio era amargar a derrota.

Passaram-se vários meses. Numa bela tarde de outono, desci eu a Rua da Ladeira e, ao esbarrar numa pedra do calçamento, fui amparado por um jovem de bigodes que falava francês e lembrava uma pessoa conhecida. Entrou na Galeria do Relógio, segui-o imediatamente, mas para meu desespero já era tarde, a figura se desvanecera como por encanto. Nem sei mesmo se havia tropeçado, se o homem era um dandy, como intuira, ou se tudo não passara de uma peça da memória involuntária, que não se concretizou. Será que aquela viagem subvertera a aparência das coisas e eu tinha perdido o sentido da realidade ou o instinto é mesmo superior à inteligência?

* Desembargador - RS.

Este conto-ensaio foi escrito para os iniciados na obra do grande escritor francês Marcel Proust (1871-1922), misturando realidade, passagens de romance, dados da biografia de Proust, pesquisas próprias do autor e invenções. Madame Verdurin, Swann, Odette, Marquês de Saint-Loup, Elstir, Léonie, Françoise, Jupien e o Barão de Charlus, assim como a jovem ciclista de negros cabelos (Albertine), são personagens de *À la Recherche du Temps Perdu*, em que um dos temas recorrentes é o fenômeno da memória involuntária.

O “petit chien”

de Geneviève

Antônio Carlos Osório*

Nunca fui particularmente afeiçoado a cachorros, embora tenha possuído vários, excelentes amigos. Guardiães de casa (dobermann, dog alemão), cãesinhos peludos, vira-latas comoventes. Sempre me pareceu, talvez, e mais ainda hoje, que o cão tem o defeito de suas qualidades. Sua obediência torna-se servilismo; sua fidelidade, escravidão; seu amor, derramamento; sua humildade, capachismo (sempre preferi o orgulho e o mistério do gato).

Poucos deles deixaram marcas. Por certo, um pastor alemão belíssimo que chamamos Jangal Kan (guardei o nome de compra, talvez corruptela de

Jungle Khan, rei da floresta), que ficou muitos anos em casa, e prestou bons serviços. E duas ou três graciosas pequinesas, Topy e Poopy, em nomes repetidos, todas incorrigíveis amorosas que a cada ano deitavam ninhadas de pêlos vários.

Mas há um cãozinho francês que me deu uma *petite histoire* curiosa. É o que estou chamando o *petit chien de Geneviève*. A ele não cheguei a dar nome.

Em dezembro de 1951, estando a viver em Paris, fui com uma excursão de jovens para uma temporada natalina em Chamorix, a famosa estação de esqui.

Na pousada, ou hotel, onde ficara o grupo, havia uma menina de três ou quatro anos de nome Geneviève, que, não sei por que, se afeiçoou a mim, no que foi correspondida. Sempre gostei de conversar com crianças, talvez por isso tenha sido o único a lhe dar atenção.

Num gesto surpreendente, e com o consentimento da mãe,

na hora de retornarmos a Paris, deu-me de presente um pequeno cachorrinho. Tão pequeno que cabia numa caixa de sapatos. Hesitei em aceitar. Que fazer com ele, morando em hoteizinhos do Quartier Latin? Mas como recusar presente tão curioso e tão gentil?

Levei-o então na caixa à estação e ao trem, para a viagem noturna, lembro bem. Os jovens companheiros e companheiras do barulhento grupo (já fui jovem um dia, *hélas!*), mangando comigo e querendo brincar com o animalzinho assustado, na caixa de sapatos ao meu lado, ou quem sabe debaixo do banco.

Passa o *contrôleur* para ver e conferir as passagens. Vai perfurando com a velha maquininha uma por uma. E então alguém, acho que uma mocinha enxerida, indaga a ele e a todos em voz alta: *et le billet du petit chien?* Pergunta o zeloso burocrata se efetivamente alguém – e quem – transporta um

cãozinho. Identifico-me, e ele me responde, já enérgico, que o animalzinho deve também pagar passagem. O transporte não era proibido, mas a SNCF queria a tarifa correspondente.

Recusei-me a pagá-la, também por achar que se tratava de uma gozação, tanto mais provável porque com um jovem *du tiers monde*, um *brésilien*, categorias pelas quais os franceses mantêm, e até hoje, um discreto desprezo.

Vem aí o próprio *chef du train*, e reafirma a cobrança. Persisto na resistência, com o apoio brincalhão dos companheiros. Mas ele me pede passaporte, *carte d'étudiant*, endereço, etc. E, em alguns papuluchos, escreve qualquer coisa.

Encerrado o episódio, chego com meu *petit chien* a Paris. Levo-o comigo até o pequeno apartamento onde morava, então ou pouco depois, na companhia do meu dileto amigo, ainda à época solteiro, o grande poeta Moacyr Félix de Oliveira. Na Rue du Luxembourg, próximo ao Théâtre l'Odeón, segunda sala da Comédie Française.

O cãozinho? Não tinha como cuidá-lo, e dele fiz presente algum tempo após a uma pálida namoradina, fugaz, que morava em Neuilly – Sur Seine, à que-

la altura bairro distante, hoje magnificamente integrado na sempre deslumbrante Paris.

Com o coração volátil dos moços, quase havia esquecido, um ou dois meses depois, o *petit chien* dado à namorada magra e breve, e a menina Geneviève, que tanto me comovera com seu gesto generoso.

Mas eis que lá um dia chega um *facteur* com uma intimação de um juiz do *Tribunal de la Seine*. Com a cobrança da tarifa não paga, pela viagem Chamorix-Paris do cachorrinho, e indiciamento por *contravention pénale*, sujeita às penas de detenção e multa, pela recusa ilegal do pagamento.

Mas a verdade era que meu petit chien e eu havíamos posto em movimento o sistema judicial francês, tão notável sob outros aspectos. E na própria Paris!

Tudo com carimbos, selos, assinaturas, Armas da *République Française*, endereços, etc, nessa parafernália burocrática que corrói o sangue pro-

ductivo das nações. Não à toa os franceses inventaram a palavra *burocracia*, embora a origem do vocábulo seja prussiana. Os russos quase mataram sua grande nação nas mãos dos *aparachniks*.

Mas a verdade era que meu *petit chien* e eu havíamos posto em movimento o sistema judicial francês, tão notável sob outros aspectos. E na própria Paris!

Penitencio-me hoje de não haver resistido à ridícula cobrança do ínfimo valor, certamente menor do que o custo burocrático da movimentação do aparelho. Teria guardado, absolvido ou culpado, uma valiosa e rara documentação, instrutiva sobre os defeitos e virtudes do Estado moderno.

Alguns dias após, compareci ao *Palais de Justice* (imaginem! perto da fantástica Sainte Chapelle de Saint Louis), paguei tarifa e multa e saí quitado.

Mas devo ao *petit chien* de minha amiguinha esquecida Geneviève (hoje, por certo, avó) essa primeira e única experiência de réu na zelosa Justiça francesa.

* Escritor gaúcho e advogado, radicado em Brasília - DF. Presidente da Academia Brasileira de Letras.

O hímen

Sérgio da Costa Franco*

— **Q**ue ela não me enganasse, então, seu delegado! Se fazendo de donzela, me boabeando! Lamento o que aconteceu, mas não tenho culpa de nada. Se ela se deu o tiro, foi porque tinha culpa na consciência.

O delegado coçava a cabeça, que o caso era original. Fugia de sua rotina de furtos, arrombamentos, acidentes de trânsito e arruaças de bêbados.

— Mas por que tu deixaste o revólver ao alcance dela?

O moço tornou a explicar que o casal estava em viagem de núpcias, o revólver na mala e a mala aberta em cima da cadeira, do lado da cama.

— Eu estava me lavando na pia, de cara ensaboada, quando ela saltou, agarrou a arma e se atirou. Nem deu tempo de me mexer e impedir.

O inspetor-auxiliar entreabriu a porta da sala do delegado e informou que, do hospital, telefonavam comunicando o falecimento da moça. A autoridade, que já esperava por esse desfecho, tomou logo as providências necessárias ao inquérito.

— Então, pede logo o auto de necropsia para o Doutor. E também solicita, na vítima, um auto de conjunção carnal, para ver se o defloramento é antigo ou recente.

Áspero, acrescentou para o jovem interrogando:

— Taí o que tu fizeste, chê! Torturaste, ofendeste a mulherzinha, até ela chegar a esse fim triste.

O moço submetido a interrogatório regulava uns 24 anos, pele tostada de homem do campo e grandes mãos inquietas sobre a mesa da autoridade. Trajava-se como um fazendeiro, de bombacha e botas, exibindo um lenço azul de pescoço, cinto

de fivela prateada, com o nome Nelson gravado em letras douradas. Mostrava-se perturbado e aflito.

— Não bati nela, seu delegado.

Nem ameacei. Lhe juro por essa luz que me alumia. Só me queixei e xinguei bastante. O senhor também fazia o mesmo que eu, seu delegado. A gente namora uma moça com jeito de séria, religiosa, de cruz no peito. Não abusa dela, respeita, apresenta para a família, trata noivado e casamento pensando que vai levar uma santa para casa e, quando vai ver, é mulher furada! Não, seu delegado, ninguém agüenta uma coisa dessas.

— Vocês casaram ontem?

— Sim senhor, ontem, na Vila Serena. Viemos passar a noite no hotel e pegar o trem amanhã para Uruaiana. Era esse o meu plano.

— E quando tu achaste que ela não era virgem, que foi que tu fizeste?

— Ora, aí eu disse que ela não prestava, que era uma puta, que eu ia levar ela de volta pro pai dela. E um mundo de coisa. Ai eu perdi a cabeça e xinguei. Xinguei de verdade.

E o que foi que ela respondeu?

— Ela? Ela jurou, se fez de santa, se ajoelhou, mentiu de tudo o que foi jeito. Eu ainda disse pra ela: *Me conta o que aconteceu contigo*. E ela nada! Sempre jurando e dizendo que era moça e que eu fui o primeiro namorado.

— Mas afinal — inquiriu o delegado — por que tu tens tanta certeza que ela não era virgem?

O indiciado inflou o peito, sorriu com ar de malícia, assegurando que era novo, sim, mas que tinha experiência. Um defloramento não podia ser assim tão fácil como foi. Um tio lhe contara que tinha levado dois dias

até descabaçar a sua segunda mulher. E com a falecida, ontem, tinha sido tão fácil como em mulher de zona.

O delegado releu mais uma vez o Código Penal. Remexeu nas gavetas, procurou formulários. Seria um inquérito inútil. Não achava artigo de lei onde enquadrar eficazmente aquele imbecil. Não restava dúvida que se tratava de suicídio voluntário, pois a vítima tinha falado e contado tudo, coincidindo sua versão com a do noivo bronco. Só justificavam o inquérito as desconfiças quanto ao crime de instigação ao suicídio. A loira linda, com a pele de porcelana varada por uma bala de 38, enternecera o xerife durão. Ela merecia a homenagem de uma investigação bem feita, que permitisse a instauração de ação penal. Provavelmente ação sem futuro, mas que serviria de lição ao indiciado boçal.

Não tardou que aparecesse o inspetor-auxiliar, com o auto de necropsia já pronto. Além dos dados da *causa mortis*, o médico tinha relatado: *ao exame ginecológico realizado no cadáver, verificamos ruptura no quadrante inferior esquerdo do hímen, com bordas hiperemiadas; desvirginamento recente*.

O delegado leu em voz alta as conclusões do médico, enquanto um grande silêncio se abatia sobre a sala pobre da repartição. Moscas voejavam sobre o engordurado dos móveis velhos. Uma varejeira adejou no pescoço do noivo, que chorava.

* Escritor, Procurador de Justiça - RS, aposentado.

Oferta especial

Foi assim.
O filho assaltado e morto ao voltar da faculdade. Um bom garoto, estudioso, obediente, abstinente, adorava as omeletes da mãe, desportista, dono de físico invejável, as protuberâncias nos lugares certos. Talvez por isso tenha recusado entregar os tênis... Não entregou.

O assaltante também era um garoto, um garoto com um revólver. O filho assaltado não percebeu a arma e quis se impor. Um tiro, e virou estátua. Um segundo tiro, e acabou defunto. O amigo viu tudo e correu escapando do terceiro tiro. Reconheceu o assaltante na polícia.

Foi assim.

O menor foi solto.
Ameaçou a testemunha.

Os pais do filho-assaltado e do filho-testemunha combinaram: a campana, o seqüestro, o tiro no meio da testa, um só: menor é menor.

O pai da testemunha tinha um irmão açougueiro. Colocaram o corpo do justicado na mesa da serra-fita. O pai da testemunha segurou as pernas, o pai do assaltado amparou o abdômen. O açougueiro encostou o pescoço (do justicado) na serra e separou a cabeça, que foi empurrada para o chão. Os cortes nos ombros e na virilha: braços e pernas distantes do tronco. Cada braço e cada perna foi cortado em postas, osso e tudo, fatias finas. Como um cardiologista, o açougueiro abriu o osso do peito e seguiu o corte até a pélvis.

As tripas escorreram. O pai do assaltado engoliu o vômito azedo com gosto de molho de tomate da janta. Um filete correu pelo nariz e, quando chegou aos lábios, ele lambeu.

Na manhã seguinte, sobre o balcão do açougue, a oferta especial: medalhão, guisado e lingüiça – tudo carne tenra: um quilo grátis em cada compra de porco ou galinha.

Durante um ano os pais do assaltado e da testemunha compareceram à polícia reclamando providências para a localização do assaltante.

O delegado não sabia mais como desculpar-se.

* Juiz de Direito - RS, aposentado. Diretor Cultural da Associação dos Magistrados Brasileiros.

narrativas

O pastor e o lobo-marinho

*Cristiano Graeff Jr.**

Num inverno, fomos à praia, apesar do frio. Passávamos pela antiga rodovia asfaltada que, às margens do Atlântico, liga Santa Terezinha à Rainha do Mar, quando notamos uma aglomeração de gente na beira do mar. Não obstante o frio e o vento, parei o carro, e o Bóris, um belo pastor-alemão, capa preta, com cerca de um ano, recém-adestrado, desceu comigo.

Deparamos com um lobo-marinho que as pessoas queriam obrigar a entrar na água, voltando ao mar, única maneira de salvá-lo. Cercavam-no e o espantavam. Ele, pertencendo a uma espécie habituada com humanos, não se assustava e teimava em permanecer na areia, que procurava para descansar. Parecia achar que estavam brincando com ele e, feliz, participava da suposta brincadeira. Arrastava-se na areia, gostosamente, demonstrando sua habilidade em

movimentar-se em terra. Por vezes parava e, apoiado nas nadadeiras, sentava-se, expondo a parte superior do corpo e até bocejava, qual um animal satisfeito consigo mesmo. Ficava magnífico e imponente.

O Bóris primeiro alarmou-se com aquele peixe grande, fora d'água e se movimentando na areia, com apoio nas rápidas e ágeis nadadeiras; depois, achando que se tratava de um cachorro grande, dele se aproximou e latiu para o animal, tido como um companheiro de traquinagens.

O lobo-marinho parou, assombrado, mas se lembrando das focas em geral, especialmente o leão-marinho, que com os seus dentes em forma de garra lembra o pastor capa preta, respondeu ao latido com um grunhido. Permaneceram os dois durante algum tempo trocando amabilidades ou xingamentos. Um latia, outro grunhia. Executavam um estranho dueto.

O animal do mar, vibrando com esse companheiro, que surgiu da terra, qual a ilha próxima a Torres, grunhia; e o cão ladrava, atônito, diante do desembarço do outro. Na verdade, pareciam conversar acaloradamente. Bordejavam o mar, sem se agredirem, o que tranqüilizou os espectadores, inclusive eu. E o lobo-marinho tinha a iniciativa de movimentar-se, nessa seqüência de movimentos musicados, envolvendo uma dança exótica. Ele se encaminhou para o mar alto e nele adentrou, submergindo. E o cão, ao perceber a fundura da água, regressou à margem. Seu interlocutor sumiu, dirigindo-se ao mar profundo. Todo o mundo ficou contente, menos o pastor, que, perplexo, aguardou, em vão, o retorno do companheiro.

* Desembargador - RS, aposentado.

poemas

Cimo

O que está na raiz,
está no cimo,
E voltará novamente
à raiz, voltará
à semente.

Até que o cimo
com o cedro
seja repleto
e perfeito

Carlos Nejar

Archote

O que é vivo, queima,
mesmo sem alarde.
E não, não temas
te queimar. A vida
só se faz pequena,
quando em nós se adia
o que fazer dela.
Como num archote,
a tua alma arde
até onde pode
ser benigna a morte.
O que é vivo, explode.



Carlos Nejar marca presença no **Caderno de Literatura** com dois poemas inéditos. Autor de extensa e singular obra, figura entre os grandes nomes da poesia brasileira da atualidade. Luiz Carlos Verzoni Nejar nasceu em Porto Alegre, RS, em 11 de janeiro de 1939. Entre seus livros, encontram-se publicações da estatura de **Sélesis**, **Árvore do mundo** e **O chapéu das estações**. Membro da Academia Brasileira de Letras, é atualmente Secretário dessa instituição.

Registro de estranho passamento

Carlos Saldanha Legendre*

Ontem enterramos um homem.
Não suas palavras, nem mesmo a última.

O corpo à luz do ocaso jazia
vencido. E o vento, o vento ruidoso
fustigava o labirinto de sua garganta,
donde assomavam pássaros, folhas,
palavras em pânico, palavras,
todas que ainda não dissera à vida.

Sem voltar os olhos, inscientes,
nós as ouvíamos debatendo-se no bosque
do poema, inconcluso como o morto.

Marmanhã

A manhã vai nascendo do teu flanco
túrgido de horizonte. Pura, aflora
como o vento que velas neste amplo
átrio. Tua arte: trazê-la das alturas,

em ouro, derramando-a sobre a frota
de nossas mágoas. Vem e abafa o espasmo
das maresias, o cheiro das derrotas
consumadas. Conduze-a na garupa

desta intrépida tropa de hipocampos
e lava com teus sais reverberantes
este cais onde dormem as gaivotas.

Geras, ó mar, a cada nova aurora,
o sopro que serei no azul distante,
tal o canto de abismo que és agora.

* Desembargador - RS. Livros publicados: *Canto ao mar de Piriápolis*, Ed. Rogilma, 1962 (1ª ed.); Ed. Cultura Contemporânea, 1998 (2ª ed.). *Antologia da poesia brasileira contemporânea*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1986. *Elegia à lesma* (em preparo). *Inventário do canto*, Ed. Cultura Contemporânea, 1971; FIERGS, 2000.

Eliotiana

Fernando Castro*

Em agosto as chuvas começavam
como tecidos e estampas rompendo as dobradiças
do tempo
o espaço
as lembranças
tensos e espessos objetos: a água
o vulto das águas
(voltaremos, um dia!)
com o aroma sonâmbulo das maçãs
e por todo o caminho colhíamos jacintos
despejados pelo rio
ou encobertos de neve – esses acenos suspensos
sopro, rumo, margens
com vozes tornando-se lentas cicatrizes

pisávamos sobre esteiras de tubérculos
tão gélida era a sala guarnecida por feltros e esqueletos
o copo de vinho
talheres e soluços

todos os depósitos de imensuráveis datas
(voltaremos, um dia?)
também almas perdendo-se como véus e brumas
a diluir-se em tardes e reposteiros. Indo-se
e
agora
a vertigem como a praia. Espalhando-se

* Escritor e advogado em Porto Alegre. Participou do Grupo Quixote, de escritores, artistas e poetas de Porto Alegre (1946-1961). Autor, entre outras, da obra *Material de exposição*, Instituto Estadual do Livro, RS, 1983.



Uma paixão

Segundo São Gottfried
Wilhelm Leibniz

*José Paulo Bisol**

se envelhecer
põe a perder
o gosto de ser
maravilhado
pela mulher
não podias
me acontecer
nos altos do
mercado público
em cada passo
tanto relâmpago
de escasso
tomar com os olhos
que fui adolescer
em casa
uma variação metafísica
de Gottfried Wilhelm
Leibniz para virar
epígrafe tatuada
na mais escondida
sutilidade de teu corpo
porque
se tu estás aí
tu estás ou não estás
e se tu não estás
tu não estás ou estás
mas se tu estás
Deus existe
e não existe se
não estás.

Elizabeth Costa - série "Rio Guaíba".
Técnica mista: acrílico com colagem



*Desembargador - RS, aposentado. Secretário da Justiça e da Segurança do Estado do Rio Grande do Sul.

A busca

do tempo anterior

Ilton Carlos Dellandréa*

(Canto III: modo antigo, adagio lamentoso).

Amarga é a saudade de quem espera reencontrar quem nunca encontrou!

Sou eu a visitar a quem nunca visitei,
a quem esqueci de esquecer e me esqueceu,
alguém que eu não perdi mas nunca achei.

Sou eu a recantar uma canção que nunca cantei,
a reescrever este verso que nunca escrevi,
a dialogar com fantasmas que exorcizei...
... a abraçar um vazio pleno de ti...

(Ah! que equação irracional
a despedida assim, sem se despedir:
partir sem sair do lugar;
ficar e, ao mesmo tempo, partir).

Saíste da minha vida sem sair
que nem sei como algum dia voltarás.

Busco em mim e só encontro a ti,
a mim procuro e não encontro nada
(não sei aonde foi que me perdi).

Talvez um dia eu encontre em ti
fragmentos da minha alma espedaçada!



Ileda Maria Dellandréa - aquarela sobre papel

*Desembargador - RS.
dellan@terra.com.br

Despojados

Jane Fischmann*

Um último olhar, um virar-se e a realidade
da despedida de algo que sequer saudade deixou.
O entoar monótono listando coisas um dia acolhidas...
uma panela de alumínio, uma de pressão, uma de ferro sem tampa...

Destapado este cozido da vida!
Em fogo ardente queimando as esperanças
ou casa fechando, as portas trancadas, o desabrigo.
Três cadeiras, um fogão com quatro queimadores, uma prancha de surf...

Surfando nas ondas da fantasia, dias vividos em páginas de contos.
As faces ruborizadas, o sal temperando o gosto amargo da existência,
afogando os desejos, naufrago pendurado na tábua dos sonhos,
um tapete, uma chaleira de alumínio, uma bola de plástico furada...

Furado, maltrapilho e rotos os planos
do mapa traçado com cuidado, da vida fugida.
Que leitura é esta? Que coisas ainda possuiu?
Uma mesa, uma fôrma de alumínio, alguns livros...

Livros que contam histórias, que podem ser reescritas.
Quem sabe, no movimento de roubar destinos,
ladrão desatento, levaram-me única fortuna.
Ainda há tempo. Parto em busca de novo roteiro.

(Dedico esta poesia à família que, despejada, morava em um velho carro e
descobriu que a vida também carece de habilitação).

* Juíza-Pretora - Cachoeirinha - RS.
E-mail: janefi@logic.com.br

História

madrigal

Cármine Antônio Savino Filho*

que amor é este
eu me pergunto

que silêncio é este
que atormenta

que amor é este
eu me respondo:

cicatriz no corpo
dos sonhos

que amor é este
eu leio nos jornais

que amor é este
pássaro fremente
acontecido e morto.

*Desembargador - Rio de Janeiro.

Ares

de Lisboa

Dimas Ribeiro da Fonseca*

Cai a noite brumosa sobre o Tejo
Envolvendo Lisboa no seu manto
Toda a história parece que revejo
Nesta terra d'amores e d'encantos.

Vultos olímpicos da heráldica gente
Povoam no metal famoso a cidade
Vê-se o passado glorioso no presente
Nesse milagre de perpetuidade.

Em toda alfama aquele povo entoa
O belo canto triste do seu fado
Em versos sonoros e sublimados.

O estro de Camões sempre ressoa
Com a força do orgulho redobrado
Da mui leal cidade de Lisboa.

(Lisboa, 21-XI-1997)

*Desembargador e Diretor da Escola da Magistratura de Rondônia - Porto Velho.

Senhor do tempo

*Silvia Maria Rocha**

Desde criança te observo
Com admiração e medo:

Escultor magnífico
de corpos perfeitos, de rostos expressivos
narrador de histórias maravilhosas
e enredos encantadores;

Construtor ressentido,
logo destróis sem piedade,
petrificas, afastas
e vestes de esquecimento
o que era novo e flexível.

Procuo entender teu ritmo
harmonizar-me contigo
(às vezes me iludo que consegui)
é como se, então, partilhasse teu poder:
um minuto pode ser um gozo enorme
uma dor interminável se vai num instante.

Mas sempre me enganas:
de súbito muitos anos passaram
(como, se eu não senti?)
– Que interminável espera!
(só passou uma hora?)

Senhor do Tempo
como não apavorar-me com tua força
se não tenho como fugir?
Como saber se, ao arrancar-me o frágil barco do hoje
vais jogar-me numa praia branca
ou despedaçar-me num rochedo?

Devaneio na madrugada

*Hermann Homem de
Carvalho Roenick**

Ouço o canto suave da vida
Quando falas.
Percebo o amor no frenesi
Do teu beijo.
A minha lágrima
Umedece a tua face
E nossos lábios
Sentem a saudade de todos os dias.
Fico pensando...
O vento é companheiro
Triste na noite infinita,
Quando nossos passos se distanciam,
E eu o ouço na janela
Do meu quarto.
Volto no tempo
E vejo que não tenho mais tempo,
Pois o tempo
Não me dá o tempo
De ser feliz!

* Mestre em Administração Universitária - UFRGS.

* Desembargador - RS, aposentado.

galeria



Obra de Paulo Porcella. Exposição Brasil-México 96 - Museu Nacional de La Acuarela Salvador Novo, 88 - Coyoacan - México DF. AIAP-UNESCO.

O rio que



Porto Alegre apresenta-se ao observador em rara beleza. A clara visão do rio, veladura das cores, murmúrio do vento nas quilhas. Região onde sonho e paisagem se encontram.

As imagens delicadas de Eduardo Tavares nos revelam o olhar sensível do artista sobre o lugar.

Eduardo nasceu em Porto Alegre e é fotógrafo profissional desde 1979. Graduiu-se em Jornalismo pela UFRGS, onde lecionou no Curso de Comunicação Social de 1992 a 1998. Trabalhou para diversos órgãos da imprensa nacional, como *O Globo*, *Manchete*, *Veja* e *Icaro*. Vencedor de vários prêmios nacionais e internacio-



nos habita

nais de fotografia, entre eles, o *Prêmio Fotoforum*, promovido pela *Fédération Internationale de L'art Photographique*, em 1990. Em 1992, conquistou o segundo lugar no *Nikon Photo Contest International*. Produziu fotografias para diversos livros. Em 1999, lançou a obra *Missões Jesuítico-Guaranis*, junto com a Unisinos. Possui um banco de imagens com mais de 50 mil cromos do Brasil e do exterior. (e-mail: ete@zaz.com.br)

Dizer mais não precisa. É hora de embarcar nas fotografias e navegar.

• *Jorge Adelar Finatto*



O Príncipe da delicadeza

O tratamento nobre que dispensa ao interlocutor já no primeiro contato, por telefone, confirma aquilo que suspeitamos ao ouvir suas canções inescrutáveis: estamos diante não só de um grande artista, mas também de um homem que, por trás da figura pública, é infenso à vaidade pueril.

Simples, deixa-nos à vontade. Estamos em casa. Atende, com solicitude, o **Caderno de Literatura**.

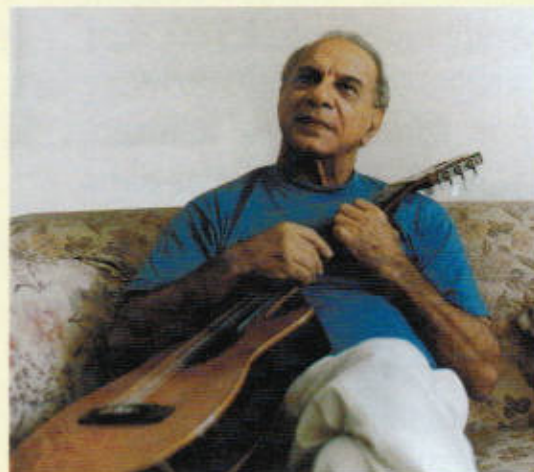
Tito Madi, um dos mais importantes compositores e intérpretes da nossa música, foi influenciado por Francisco Alves, Carlos Galhardo, Vicente Celestino e Dorival Caymmi. Entre os cantores que mais o marcaram estão os talentosos Lúcio Alves e Dick Farney. Durante o aprendizado, musicou poemas de Olavo Bilac, Castro Alves e Gonçalves Dias. Criou clássicos

como *Não diga não, Chove lá fora, Cansei de ilusões* e *Balanço zona sul*, entre outros.

Em sua trajetória, conviveu com artistas do quilate de Agostinho dos Santos, Dolores Duran, Fernando Lobo, Antônio Maria, The Platters, e a divina Elizete Cardoso.

Roberto Carlos o considera um ídolo. Aldir Blanc sustenta que ele é tão importante quanto João Gilberto como intérprete.

O que talvez pouca gente saiba é que uma das músicas mais caras para os gaúchos, espécie de hino do Rio Grande e muitas vezes confundida com canção folclórica, é de autoria de Tito Madi. A belíssima *Gauchinha bem-querer* é fruto de seu imenso talento.



Paulista de Pirajui, filho de libaneses, 71 anos, Tito é cidadão carioca, vivente de Copacabana. Também é cidadão gaúcho, agraciado com o Diploma de Cidadão do Estado do Rio Grande do Sul, entregue pelo então governador Synval Guazzelli. (J A F)

Caderno de Literatura: A canção *Gauchinha bem-querer* é considerada uma das mais belas já compostas sobre o Rio Grande do Sul. Em que situação foi criada e como você se sente ao constatar que muitos a confundem com música folclórica?

Tito Madi: A minha música, de fato, já quase virou folclore gaúcho. Fico feliz com isso. Porto Alegre me deu essa extraordinária oportunidade de homena-

gear o querido Estado do Rio Grande do Sul. A canção nasceu da grande paixão pelo Rio Grande e pelos grandes amigos que aí conquistei. Entre eles, os integrantes do conjunto Norberto Baldauf, Adão Pinheiro – um dos maiores pianistas do Brasil –, Salimen Júnior, Glauco e Primo Peixoto.

C.L.: Quando você veio ao Rio Grande do Sul pela primeira vez?

Tito Madi: Em 1956. Fui con-

vidado pelo radialista Rui Rezende para participar dos festejos de aniversário da Rádio Farroupilha (gloriosa rádio). Ficaria em Porto Alegre durante uma semana. Fiquei dois meses. Paixão à primeira vista.

Quando regresssei ao Rio de Janeiro, gravei pela primeira vez – com arranjos do gaúcho Radamés Gnattali e participação de Chiquinho do Acordeom, também gaúcho – as músicas *Cho-*

ve lá fora e Gauchinha bem-querer. O disco foi lançado em 1957 e, naquele ano, fui considerado o melhor compositor brasileiro.

C.L.: Fale-nos de sua carreira.

Tito Madi: Iniciei-me na Rádio e Televisão Tupi de São Paulo (Associados) pelas mãos de Ribeiro Filho e Georges Henry. Transferi-me para o Rio de Janeiro três anos depois (1955) para a também Tupi, carioca, na qual tive como diretor o talentoso J. Antônio D'Ávila,

Fiquei até 1956 nos Associados, quando pedi rescisão do contrato, passando a atuar na Rádio Nacional e na noite carioca.

C.L.: Poderia mencionar alguns compositores e canções prediletos?

Tito Madi: Jobim, Ary, Luiz Vieira, Menescal, Bôscoli, Ismael Neto, Aldir Blanc, Guinga, Custódio Mesquita, Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues e tantos mais.

Músicas: *Negrinho do Pastoreio*, *Aquarela do Brasil*, *Valsa de uma saudade*, *Ternura antiga*, *Por causa de você*.

C.L.: O que você acha da produção musical, atualmente, no Brasil?

Tito Madi: Os bons compositores não têm oportunidade de mostrar suas composições inéditas. Então, o que se ouve nas rádios e televisões são músicas que nada têm com a cultura brasileira. Puro comércio.

Culpam-se, também, por essa situação, as gravadoras, que visam ao sucesso fácil, porém descartável.

C.L.: Fale-nos de seu trabalho atual e dos seus projetos.

Tito Madi: Estou gravando

Gauchinha Bem-querer — (1956)
(TITO MADI)

Rio Grande do Sul

Vou-me embora sem amor

Vou-me embora do Rio Grande

Vou tão só com a minha dor

Vou levar a lembrança comigo

de um amor que de oltore, morreu

de um amor que de pressa floresceu

mas tão cedo morreu.

Rio Grande do Sul

Eu um dia voltarei

Pra' rever o meu Gaúcho

Pra' rever meu bem-querer

E depois se ela ainda quiser

Só nós dois a sonhar e a partir

Rio Grande do Sul

Vou chorar ao partir.

Esta música foi composta em 1956, no apartamento do City Hotel com P. Bleyre, tendo como testemunha o sambista Gersono Matias.

Arquivo
de Literatura, com
colinhos abertos
Tito Madi

Pio. 15-2 -

2.000

um CD com minhas músicas inéditas e canções de compositores mineiros, com arranjos de dois mineiros talentosos, Chiquito Braga (violão) e Alberto Chinelli (piano). Quero, aos poucos, perpetuar em disco minhas canções

inéditas.

C.L.: Uma mensagem aos nossos leitores.

Tito Madi: Um grande abraço e saboreiem esta gostosa, gostosa revista. E saibam do meu imenso amor pelo Rio Grande do Sul.

artistas que colaboram nesta edição

◆ PAULO PORCELLA

Graduado em Artes Plásticas pela UFRGS. Pós-graduado em Suportes Científicos e Praxis - PUC/RS. Desenvolve sua atividade profissional desde 1962, com várias exposições no Brasil e exterior. Obteve diversos prêmios, sendo artista homenageado no V Salão de Pintura de Porto Alegre e representante do Brasil no Projeto "Murales de Montevideo". Criou os painéis do mural "O Caminho, uma visão renovadora dos Jesuítas", para a UNISINOS, em 1999. Participou da exposição "Brasil 500 Anos", na Universidade de Santiago de Compostela – Casa da Balconada – Espanha, no ano 2000.

◆ MYRIAM CADORIN DUTRA

Com formação em Artes Plásticas e Letras, iniciou o trabalho de pintura a partir de 1979, em Caxias do Sul, direcionando-se para a aquarela, usando, atualmente, vários suportes. Desenvolveu seus estudos principalmente com Nathaniel Guimarães, Genoveva Finkler e Jailton Moreira, artistas plásticos gaúchos e com Robinson Sobrera, artista plástico uruguaio. Destacam-se suas participações no 3º Salon International D'Arts Plastiques – ACEA'S em Barcelona, Espanha – 1999. Selecionada para o



Myriam Dutra - "Lírios Amarelos" - Aquarela sobre papel.
Fotografia: F. Zago - Studio Z

Salão "Le Figuration Critique" em setembro/2000 – Paris – França. Participou da exposição Les Indépendants, promovida pela Secretaria da Cultura de Paris.

◆ MÔNICA ESTEVE RUSCHEL

Artista Plástica atuante no DivulgaArte desde a sua criação. Estudou aquarela e pastel seco em cursos particulares e no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Participou de algumas exposições coletivas no Estado. Principal técnica: pastel seco.

◆ SÔNIA HEINZ

Graduada em Pintura e Desenho pela UFRGS. Realizou diversas exposições individuais e coletivas no Estado.

◆ IEDA MARIA F. DELLANDRÉA

Graduada em História e Estudos Sociais. Atualmente dedica-se à História da Arte. Principal técnica: óleo.

◆ KARIN KAZMIERCZAK

Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Trabalha com criação, produção e design gráfico desde 1996, atendendo diversas empresas de Porto Alegre.

À beira do lago

Patrícia Bins*

Despedita, como se já partíssemos antes de partir. Acordamos, pura perda, ganho puro, ao que sempre fora o lugar de viver, sem no entanto ter existido intensamente; sem no entanto ter fixado o olhar em tons, sobretons, sombra e luz. Sem ter ouvido atentos os sons que permaneceram no bolor da memória.

Mas a memória instantânea, súbito movimento interno, consciência alerta, após a mornidão das estações, como se fôssemos apenas eternos, felicidade postergada para qualquer dia. Ou noite.

Então o longo percurso pelos pequenos bosques até a caixa que nos ligava ao mundo, a caixa de cartas na entrada da casa. Em pleno calor, suor, chuva, sol, a visão do carteiro e seu sorriso, seu secreto cansaço. Que sabemos dele, a não ser o leque de correspondência apresentado carinhosamente, seus dentes brancos e sua esperança? Ignorada esperança.

Adeus ao povo, adeus ao lugar, à raiz, às raízes onde nos isolávamos como eremitas. Como se, poderosos, fôssemos donos dessa terra que foi de outros, há milênios. Como seriam suas vidas? Dores? Amores?

Agora o gesto, o abraço, velhos plântanos, arbustos, palmeiras, adeus hibiscos em flor. Agora, o caminho de volta.

Fim de tarde. Seria a derradeira? O sol ressurgiu por entre ramos e o lago, o poente mutável deslumbra. Nega crepúsculos anteriores, o silencioso alvoroço de todas essas vidas. Um pardal voa, lento, sem medo, sobre nossas

cabeças. Formigas perambulam imersas em seus pré-traçados afazeres.

Sentados sobre o muro, que resguarda as águas, vislumbre de algas, estremecimento de peixes, nenhum pescador. Pedras emergem onde antigas tartarugas talvez se deitassem ao sol. Restos de canteiros ainda amarelos na memória das margaridas. Bem-te. Bem-te-quer? Mal-te-quer? Restos de rastros, vozes infantis.

A casuarina dança, sacode franjas à brisa ao som de Ravel. Ela não conhece valsas ou nomes famosos, simplesmente dança, absorta.

E, adiante, os caquizeiros, frutos ainda verdes, projetos do brilhante alaranjado, que, à janela aberta, à mesa do café, evocava poema de Prévert. Nenhum comentário, sabíamos os versos, certa telepatia, pelo tempo em comum, pelo tácito amor à beleza.

Murmúrio do Guaíba, no sonho, nos sonhos, lua, meia-lua, quarto de lua, refletidas no imaginário, no real irreal, paraíso ou falso paraíso, cujo luxo e privilégio é demasiado para o agora.



Elizabeth Costa - Técnica mista: acrílico com colagem

Capítulo do romance *Bosques do adeus*, a ser lançado brevemente.

*A Autora, filha de mãe inglesa e pai húngaro, nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se na Escola de Belas Artes da UFRGS. Durante muitos anos, foi cronista semanal do *Correio do Povo*. É autora de livros que alcançaram grande êxito, entre os quais *O assassinato dos pombos* (1982), editora Metrópole, Porto Alegre. Já escreveu doze obras, algumas traduzidas para o espanhol e para o inglês. Foi Patrona da Feira do Livro em 1998, tendo escrito três trilogias, dois livros infanto-juvenis e um, em inglês, de poesia. Seu livro mais recente é *Instantes do mundo* (1999), editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. O romance *Pele nua do espelho* foi traduzido para o espanhol em 1995, por ocasião da *Feria Internacional del Libro de Buenos Aires*. Escreve atualmente, além de uma coletânea de livros infantis, o romance *Bosques do adeus*.